

# “Situação do País não é tão grave”

Da sucursal e do  
correspondente

O presidente do Bank of Montreal, William D. Mulholland, afirmou ontem, no Rio, que a situação de liquidez do Brasil não é tão grave como a imprensa tem afirmado e que mais grave é a situação de liquidez do sistema financeiro internacional como um todo. Disse também esperar que os bancos internacionais aumentem o volume de recursos ao Projeto 4 (Interbancário) e que ao Brasil só cabe continuar buscando a rolagem de sua dívida externa, com negociações ininterruptas.

Um dos assessores de Mulholland informou que o comitê de bancos que cuida do Projeto 4 estuda uma proposta pela qual as instituições internacionais podem repassar recursos ao Banco Central, que, por sua vez, emprestará aos bancos brasileiros que operam no Exterior. Mulholland negou que os grandes bancos tivessem receio de colocar mais dinheiro no Brasil, assinalando que havia apenas o cuidado de que recursos adicionais não servissem para pagar pequenos e médios bancos.

Segundo o presidente do Bank of Montreal, que é um dos dez maiores bancos emprestadores ao Brasil, as dificuldades que o País enfrenta, no momento, decorrem da posição dos pequenos e médios bancos que estão querendo sair, ou seja, reaver seus créditos e não voltar a emprestar novamente, e da crise de liquidez mundial. Entretanto, os grandes bancos continuam a manter suas posições com o Brasil, aumentando mesmo algo em, torno de 5%, não sendo verdadeiras as afirmações de que os recursos do Projetos 3 e 4 estejam mingando pelo retraimen-

to dos grandes bancos, mas, sim, dos pequenos e médios.

Mulholland acha que o problema de liquidez mundial é de difícil solução a curto prazo, pois não existem mais depositantes institucionais preparados para fazer empréstimos a longo prazo. Na sua opinião, quando se superarem os problemas da carência de recursos, todos os demais problemas da grande dívida externa — Cr\$ 648 bilhões — dos países em desenvolvimento serão solucionados.

## DIFERENÇA

Ele salientou que a diferença entre moratória e renegociação é apenas semântica ou filosófica, mas que é claro que uma moratória unilateral seria uma insanidade econômica e teria consequências muito negativas. Durante almoço oferecido pela Fundação Getúlio Vargas, William D. Mulholland disse que a taxa de aumento nos empréstimos bancários aos países em desenvolvimento e não produtores de petróleo declinou de 32%, em 1981, para 9% em 1982, estando calculada em 7 ou 8% para 1983, de acordo com as estimativas do FMI.

Entende o banqueiro que essa redução é inquietadora, pois uma queda abrupta dos fluxos de fundos tenderá a agravar os problemas, existindo certa razão em se acreditar que isto seja reflexo não só da exaustão da capacidade de emprestar dos principais credores, mas também da fuga do mercado de grande número de outros credores.

“Independente do que os senhores possam pensar — advertiu — temos de enfrentar o fato de que isso demonstra uma perda de confiança que precisa ser restaurada. Os países

devedores têm dado muito pouca atenção à administração da dívida e a consequência da diminuição de sua base de financiamento é um problema sério que deve ser enfrentado sem maiores delongas”.

Enfatizou que se os países devedores quiserem atrair financiamento adequado devem mostrar que são solventes e isso requer que eles “arrumem suas respectivas casas”. “Eventos recentes têm revelado uma tendência, por parte dos credores, influenciados mais pelo volume da dívida do que pelos ativos que estão por trás dela. Esses juízos falsos precisam ser vencidos, mas isso não ocorrerá, sem um grande esforço por parte dos devedores.”

## CONFIANÇA

Ao justificar a confiança dos dirigentes de seu país na rápida recuperação da economia brasileira, o embaixador da Inglaterra no Brasil, George William Harding, disse ontem em Londrina, que “os ingleses consideram o Brasil um país sério, assim como são sérios os brasileiros e suas autoridades e é por isso que os bancos ingleses vêm aceitando o refinanciamento da dívida brasileira”.

O embaixador não acredita que o país chegará a recorrer à moratória: “A moratória — disse — é uma decisão abrupta, desde que tomada unilateralmente. O atraso nos pagamentos de algumas parcelas da dívida pode estar sendo aceito pelos bancos credores. E o que vai acontecer é o País regularizar esse procedimento. Não é do interesse de ninguém que o Brasil chegue à moratória unilateral ou que venha à quebra. Na Inglaterra, todos torcem para que o Brasil se recupere o mais cedo possível, dessa crise.”